

A CRÍTICA DO LIVRE ARBÍTRIO EM DEUS E NO HOMEM SEGUNDO BENEDICTUS DE SPINOZA NA ÉTICA

APARECIDA AGUIAR MORAES TORRES *

DOI: <https://doi.org/10.52521/conatus.v16i27.14967>

INTRODUÇÃO

O filósofo Benedictus de Spinoza nasceu em Amsterdã, capital na Holanda, em 24 de novembro de 1632 e faleceu em 21 de fevereiro de 1677 na cidade de Haia, Holanda, de origem no judaísmo, filho de Miguel e Ana Débora, seu pai trabalhava no comércio em uma época de grande abundância na Holanda conhecida pelo século de ouro Holandês, forneceram a Spinoza uma educação de qualidade onde teve contato com a língua hebraica, latina, com a matemática, filosofia e livros como a Bíblia, o Talmude¹ e dos escritos de Maimônides².

No dia 27 de julho de 1656 em uma assembleia com os anciãos da comunidade judaica em Amsterdã, foi comunicado a excomunhão do jovem com apenas seus 24 anos na época, a aplicada a Spinoza foi a intitulada *Herem* em Hebraico, após esse rompimento Spinoza passou a ser excluído não tinha acesso ao comércio da comunidade não podia conversar com ninguém nem mesmo ser mencionado.

Se dedicou ao estudo da teologia durante alguns anos, mas abandonou para estudar física, conheceu então através de suas leituras a filosofia de René Descartes, que o conduziram para a escrita filosófica.

Após sua excomunhão, deixa de viver com os judeus e vai morar em um quarto alugado na casa de um conhecido que ficava em uma rota de Amsterdã, passando a polir lentes para o seu sustento. Segundo relato de seus correspondentes, ele muito bom neste ofício manual, tendo o apoio dos seus amigos. Seu tempo era distribuído entre polir lentes e seus escritos. Faleceu cedo, aos 44 anos de idade, no

* Discente do Curso de Mestrado em Filosofia do PPGFIL-UECE e membro do GT Benedictus de Spinoza.

1 *Talmud* é um dos livros sagrados do judaísmo.

2 Moisés Maimônides foi um médico, filósofo e teólogo judeu que formulou treze princípios da fé hebraica.

ano de 1677 na cidade de Haia, segundo alguns de tuberculose e outros de silicose.

A *Ética* é considerada sua obra magna, escrita originalmente em latim, em ordem geométrica, só foi publicada após sua morte, no ano de 1677. A *Ética* propõe o percurso do homem em busca de sua liberdade, partindo da razão para conhecer as causas adequadas que fundarão seu agir, para poder superar o domínio das paixões e ir ao encontro da felicidade, e, da felicidade contínua, ou como denominava Spinoza, da beatitude.

1 A ONTOLOGIA

Nossa proposta é a de elencar algumas considerações importantes sobre a ontologia de Spinoza, que será de grande ajuda para a uma melhor compreensão e, mais fluidez na consecução de nosso objetivo, ou seja, construir uma argumentação que possibilite compreender porque Spinoza refuta o livre arbítrio para o homem e quais os elementos que apresenta para esta recusa.

Spinoza foi um autor muito criticado pelos seus escritos, apesar de muito conhecido em vida, não chegou a ter um reconhecimento positivo de seus escritos porque, apesar de filosóficas, suas obras abordavam temas teológicos e políticos claramente dissidentes do pensamento teológico-político da Holanda do século XVII. Todavia, seus textos foram de suma contribuição para a ruptura da filosofia do século XVII, junto ao seu antecessor Descartes. Spinoza crítica a realidade criada pela tradição teológica metafísica, que defende um Deus transcendente infinito, com sua existência separada, estando acima de toda a sua criação, que surge segundo a sua escolha e a partir do nada, sendo que nesta conjectura, o homem existe dotado de um corpo mortal e de uma alma imortal, organizado numa ordem hierárquica perante o mundo das criaturas.

As obras de Spinoza seguem a partir do racionalismo clássico, para aqueles que não conhecem a vertente, propondo que o indivíduo faça uma reflexão a partir de si mesmo, exercendo sua capacidade de se conhecer voltando a si próprio, exercitando a potência de seu intelecto. O período denominado de “Modernidade”, cronologicamente situado entre os séculos XVII e XVIII, no qual viveu e escreveu nosso filósofo, foi pródigo em críticas aos regimes estabelecidos, demonstrando que Spinoza não estava só.

Uma das principais críticas de então foi dirigida sobre sua concepção de Deus, entendido pelo filósofo como imanente (e não transcendente), como sendo a realidade regida por leis necessárias ou leis da natureza ou leis divinas, pois neste sentido, Deus é compreendido como a própria Natureza, ou seja, Spinoza retira toda a transcendência de Deus, compreendendo como substância neste universo, composto inclusive de matéria.

Para se compreender a filosofia de Spinoza, o conceito de Deus é fundamental, pois Deus, ou o absoluto, no sistema spinozano, enquanto totalidade do real, ou a própria realidade, é cognoscível ao homem, ou seja, ela pode ser conhecida pelo nosso entendimento, e não haverá o “asilo da ignorância”.

A ordem geométrica reflete o rigor do método em Spinoza. A sua obra, *Ética*, tem uma estrutura geométrica, utilizando o aparato e o rigor matemático para suas definições, axiomas, proposições, demonstrações, corolários, escólios e lemas, para atingir seu objetivo cartesiano de propor verdades “claras” e “distintas”.

A princípio, tudo o que existe é a própria substância que é única em seu gênero.

[...] toda substância é substância por ser causa de si mesma (causa de sua essência, de sua existência e da inteligibilidade de ambas) e, ao causar-se a si mesma, causa a existência e a essência de todos os seres do universo. A substância é, pois, o absoluto. (Chauí, 1995, p. 46).

Neste sentido, a substância existe por determinação própria e caracteriza sua existência pela sua essência e sua potência que é eterna. “*Deus sive Natura*” [Deus, ou seja, Natureza].

A essência da substância se constitui de infinitos atributos: “[...] Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância,

o intelecto percebe como constituindo a sua essência.” (E1Def4)³. O atributo é a essência da substância, pois tudo o que pode ser concebido, é gerado através de algum atributo divino, por quanto mais realidade se apresenta, se caracteriza a necessidade sendo a partir dos atributos divino.

Os modos são as afecções ou modificações dessa substância que são em duas formas, ou de duas maneiras, sendo elas de “ser” e a de “existir”. O conceito de substância existe em si, já os modos existem em outro e ao estabelecermos estes pontos, “[...] À substância e seus atributos, enquanto atividade infinita que produz a totalidade do real, [...] dá o nome de Natureza Naturante. À totalidade dos modos produzidos pelos atributos, dá o nome de Natureza Naturada.” (Chauí, 1995, p. 47).

A substância está em toda sua totalidade infinita e absoluta, já os modos por não participarem dessa totalidade, existem em um outro. Visto que no sistema spinozano nada existe de forma equivocada e tudo que existe, é gerado por leis necessárias, nada existe fora da natureza divina. Inclusive:

[...] a interpretação mais correta para a relação de dependência ontológica entre substância e os modos é a de que o spinozismo estabelece entre duas categorias do real uma hierarquia ontológica que tem a substância (por ser infinita absolutamente) como ápice e os modos (por não participarem desta infinidade absoluta e parte deles serem finitos) como o termo; aos atributos fica reservada uma posição intermediária, já que eles são infinitos apenas em seu gênero. (Delbos, 1987, p. 54 *apud* Fragoso, 1997, p. 13).

O homem participa de dois dos infinitos atributos de Deus, sendo o atributo extensão e o atributo pensamento no qual a mente formula a partir de noções comuns ou as ideias adequadas de seu ideado, à medida em que sua potência de agir é levada pelas paixões, esta interpretação passa a ser ideias inadequada como é o caso do primeiro gênero que advém da imaginação

3 Para a citação da *Ética* de Spinoza utilizaremos a sigla E. Quanto às citações das divisões internas da *Ética*, indicaremos a parte citada em algarismos arábicos, seguida da letra ou abreviatura correspondente para indicar as definições (Def), axiomas (Ax), proposições (P), prefácios (Pref), corolários (C), escólios (S), definições de afeto (AD), demonstração (D), explicação (Ex), lema (L), postulado (Post), introdução (I) e apêndices (A), com seus respectivos números em algarismos arábicos.

ou da opinião; somos ativos à medida que nos aproximamos das causas adequadas através da razão pelo entendimento exercendo o segundo gênero de conhecimento, e passivos à medida em que se deixa levar pelas opiniões ou pela imaginação, sendo assim no primeiro gênero do conhecimento.

O homem segue ao encontro do que é útil a si mesmo, e dotado de *conatus*, que é, em última instância, a essência do homem, o conhecimento será a âncora para o entendimento perante a realidade, ou seja, essa construção faz com que o indivíduo e suas particularidades o façam agir afetando ou sendo afetado constantemente diante da realidade.

Quanto ao que se compreende sobre o homem, no sistema spinozano, a mente e o corpo agem simultaneamente, em uma relação tal que um não se sobrepõe ao outro, os pensamentos da mente e as ações do corpo são simultâneas e inteiramente separadas, sendo compreendido pelos termos “paralelismo” ou “pluralismo simultâneo” da mente e do corpo. Neste sentido, tudo pode ser compreendido pelo homem, todavia é preciso conhecer a ordem que se segue da coerência necessária do que o rodeia.

A mente humana faz parte do intelecto divino, compreendida a partir de coisas singulares, que organizam formulações e constituem a noção comum de ideia pela razão humana. O homem possui o que chamamos de ideias comuns para todas as coisas ao seu redor, a mente possui a habilidade de imaginar e de criar imagens que podem ser apreendidas instantaneamente no corpo do indivíduo.

Ocorrodiferentemente, é compreendido como finito, pois possui uma duração limitada, a mente é compreendida como eterna, pois está em Deus. O corpo exprime um modo da coisa extensa, tudo aquilo que se constitui na mente, é mediado pelas ideias e afecções do corpo humano. Portanto, o objeto da mente é o corpo. Segundo Chauí (1995), a inovação dentre os conceitos do autor, foi de corpo e mente, que deixam de serem compreendidas como a própria substância, são considerados expressões da atividade imanente de Deus, não havendo superioridade, e estão sempre em relação. O corpo e a mente são “efeitos” da atividade dos atributos divinos.

O *conatus* é a essência do corpo e da mente, pois é a força interna para que o homem possa perseverar na existência, sempre pela vida. Chauí nos apresenta o que no corpo se chama “apetite”, já na mente chama-se “desejo” é aquilo que advém das afecções do corpo, e são percebidas através das ideias da mente. As “Afecções e afetos, exprimindo nosso *conatus*, obedecem à lei natural que rege o esforço de preservação na existência. [...]” (Chauí, 1995, p. 64).

Quanto a causa adequada e inadequada:

[...] Somos causa inadequada de nossos afetos quando são causados em nós pelo poder de causas externas; somos causa adequada de nossos afetos quando são causados em nós por nossa própria potência interna. Ser causa inadequada é ser passional. Ser causa adequada é ser ativo e livre. (Chauí, 1995, p. 64).

O que propomos até aqui foi apresentar de forma breve sobre alguns dos principais conceitos da ontologia de Spinoza, o contexto da filosofia de nosso autor, para este artigo notamos que foi obscurecido por defender conceitos contra os regimes estabelecidos na época. E que foram de suma importância por quebrar paradigmas e apresentar esta filosofia a partir do racionalismo clássico.

2 A QUESTÃO DA QUIMERA DO LIVRE ARBÍTRIO E O CONCEITO DE LIBERDADE

O que buscamos apresentar no tópico anterior foi justamente preparar um breve discurso para a compreensão da ontologia da filosofia de Spinoza, sendo mais breve possível, sem perder os principais dos argumentos do filósofo, para elucidar conceitos-chaves de compreensão, e que em seguida neste tópico, adentramos sobre a questão da liberdade e o livre arbítrio dentro da filosofia de Spinoza visto a partir da obra, *Ética*.

A religião passa uma imagem de segurança para os homens, que acreditam serem a “imagem” e “semelhança” de um Deus onipotente, quando na verdade não veem as amarras que estão aos seus pés por estarem presos pelo medo e insegurança de serem julgados, tentando justificar suas ações por meio de uma falsa liberdade por uma falsa escolha.

Para Spinoza isso não passa de uma quimera, o uso da religião como é feito teologicamente, serve somente para impulsionar suas carências exercendo uma falsa vontade

de se sentir preenchido ou consolado, quando na verdade o que ocorre é que este indivíduo, acaba sendo controlado através de seus medos e principalmente pela ignorância de não conhecer as causas para aquilo que o rodeia.

Segundo Chauí, fazendo uma leitura de Spinoza, a verdadeira religião não está nessa relação transcendente como defende-se pela visão teológica, quando na verdade a relação que existe entre homem e a substância dispensa a conjectura da religião, como é compreendida nas teologias. Portanto o conceito de liberdade o encontramos a medida em que nos afastamos da ignorância das causas.

O conceito de liberdade em Spinoza, foge totalmente do que é compreendido é preciso destacar que “coisa livre”, “liberdade” ou “livre arbítrio”. Tem um significado de acordo com o sistema spinozano. Pois, somente Deus é livre, ao afirmar que “Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir. E diz necessária, ou melhor, coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada” (E1Def7).

Podemos compreender que a coisa que se intitulasse livre, será somente aquela que não pode ser coagida, que existe de forma necessária, e pertence à sua própria natureza a determinação de agir, assim sendo podemos deduzir que somente Deus possui tais características para se adequar a esse conceito de causa livre, este é o primeiro ponto para compreensão dos termos.

Agora vamos destacar um outro ponto que é o conceito de liberdade é uma autodeterminação ou também que é uma determinação interna, todavia, existe por si mesmo, e este conceito de liberdade encontramos somente em Deus. Quando comparamos ao homem o conceito de liberdade não significa agir através da livre vontade. Neste caso de Deus, o agir é livre porque os modos não são constrangidos, sendo de sua natureza própria está determinado a agir.

Ser livre para Spinoza significa ser determinado a agir somente por si mesmo ou ter determinação interna: ao contrário, ser constrangido ou coagido significa ser determinado a agir por outra coisa além de si mesmo ou ter determinação externa (Fragoso, 2007, p. 28).

A liberdade somente se caracteriza pelo argumento de que não pode ser limitado de maneira alguma por um outro, pois se tiver algum empecilho, neste caso não se trata do conceito de liberdade atribuída pelo autor.

A concepção de liberdade em Spinoza, não é aquela que é baseada em escolhas pessoais, neste caso, Deus sai do parâmetro transcendente que dita as coisas ao reflexo de sua vontade, para agir como sendo um ser em sua plena perfeição por natureza, que inclusive é o resultado da ação necessária de sua própria natureza; ou seja,

[...] A liberdade é uma propriedade exclusiva de Deus porque advém de sua livre necessidade, pois somente Deus existe única e exclusivamente por causa de sua própria essência (Fragoso, 2007, p. 29).

O Conceito De Liberdade, na obra *Ética* refuta a questão da vontade como causa livre, pois:

A vontade, tal como o intelecto, é apenas um modo definido de pensar. Por isso [...], nenhuma volição pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra causa e, essa, por sua vez, por outra, e assim por diante, até o infinito. Caso se suponha que a vontade é infinita, ela também deve ser determinada a existir e a operar por Deus, não enquanto substância absolutamente infinita, mas enquanto possui um atributo que exprime [...] a essência infinita e eterna do pensamento. Assim, seja qual for a maneira pela qual a vontade é concebida, seja como finita, seja como infinita, ela requer uma causa pela qual seja determinada a existir e a operar. Portanto [...] ela não pode ser chamada de causa livre, mas unicamente necessária ou coagida. (E1P32D).

Portanto, a vontade não pode criar nada, é carência e não faz parte da natureza de Deus, e tudo o que ocorre dentre a causa e o efeito advém de uma determinação própria e necessária que se distancia do conceito de vontade. Spinoza em sua filosofia nega totalmente que exista um ‘Deus criador’ que organiza todo um sistema. Daí surgem as dúvidas mais pertinentes, pois o homem acredita que tem domínio de uso pessoal para orquestrar suas escolhas quando não passa de uma falsa escolha.

O que nos intriga de fato é, onde podemos encaixar o homem em todo esse contexto, já que somente Deus é livre, como aplicamos isso em relação ao homem? Propomos que continue

a leitura e a seguir detalharemos melhor a construção desta pergunta já que ainda nos faltam alguns elementos para contextualizar esta análise por agora.

O que seria o homem livre para Spinoza? Compreendemos como aquele que cultiva os ditames da ação reflexiva, que não se deixa levar pelas paixões. Sendo que esse homem livre não nasce sendo livre, e julga-se que não e todos os homens podem alcançar de fato o que significa durante a vida.

[...] O homem livre, isto é, aquele que vive exclusivamente segundo o ditame da razão, não se conduz pelo medo [...] em vez disso, deseja diretamente o bem [...] isto é, deseja agir, viver, conservar seu ser com base na busca de sua utilidade [...]. (E4P67D).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que em Deus essa questão do livre arbítrio não se aplica, Deus não age segundo uma vontade, isso seria um equívoco, pois tudo se segue a partir de uma ordem necessária, sendo assim não haverá uma outra possibilidade ou seja, as coisas são como são por determinações necessárias.

[...] se ‘Uma coisa que é determinada a qualquer ação foi necessariamente determinada a isso por Deus; e a que não é determinada por Deus não pode determinar-se por si própria a ação [...] Uma coisa que é determinada por Deus a qualquer ação não pode tornar-se a si própria indeterminada ou fonte de decisão [...]’. (Fragoso, 2007, p. 34).

Então a liberdade em Deus está baseada na relação da necessidade, que não está moldada a ponto de Deus precisar criar alguma coisa específica dentre várias outras coisas, mas compreende-se como “As coisas não podiam ter sido produzidas por Deus de nenhuma outra maneira e em outra ordem do que a maneira e a ordem em que elas foram produzidas” (E1P33).

O homem não possui a capacidade de entendimento suficiente de conhecer as coisas a nível divino, sendo fadado ao entendimento finito, não podendo gerar ideias de coisas que não tenham sido geradas anteriormente. Considerando que a liberdade para Spinoza está voltada à questão da necessidade e não da vontade, ficamos entre dois pontos importantes para a compreensão: de um lado o conceito de liberdade baseada pela necessidade pois

é causa livre, porque existe em Deus por uma causa adequada; e no outro lado temos uma liberdade pautada na vontade que é um modo do nosso pensamento humano, e que não pode ser considerado como causa livre.

A liberdade para Spinoza não está atrelada ao livre arbítrio humano, e que na verdade não passa de uma ilusão para o homem, ou seja, livre de vontades somente Deus se encaixa nesse parâmetro, Deus ou natureza é livre de fato, pois o homem não é igualado a Deus e também não é superior aos demais seres.

O homem pode através do conhecimento se tornar sua melhor versão, neste contexto seria a liberdade definida por Spinoza no que diz respeito ao indivíduo. Julgamos o contrário da liberdade quando se acredita que está sendo castigado por dogmas estabelecidos pelas teologias. Como por exemplo, se deixar levar a acreditar que a liberdade e o próprio livre arbítrio e que tudo o que existe está para seu benefício próprio, que há um ser de divindade ditando a totalidade, que existe o bem e o mal no qual é julgado pelo que faz.

A liberdade não abrange à vontade, impossibilitando um agir sem causa, Spinoza não exclui a opção de que o homem não pode fazer uma escolha ou melhor o homem por ser parte de Deus possui a oportunidade de conhecer através dos três gêneros de conhecimento. A construção do conhecimento para chegar ao conceito de liberdade, compreende que o único ser totalmente livre é Deus, e o homem tem apenas a condição de poder tentar ser mais livre através dos gêneros do conhecimento.

Portanto, o livre arbítrio no homem não passa de uma ilusão pois a ação do homem não é pautada em uma causa livre, o homem não sabe por exemplo que escolheu um sorvete de chocolate ignorando completamente as causas que o levaram a escolher tal sabor de sorvete a partir daquele momento, e é justamente por ignorar essas causas que o livre arbítrio não é mais do que a ilusão de escolha, devido a esta ignorância que, por exemplo, acredita-se na vontade como uma potência indeterminada, pois não se sabe a origem que por si só é capaz de se determinar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Ética**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. Considerações acerca da teoria dos modos na *Ética* de Spinoza. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 22, n. 1, p. 35-38, jun. 2001. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3872/0>>. Acesso em: 24 fev. 2023.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. O conceito de Liberdade na *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Revista Conatus**, Brasil, v. 1, n. 1, p. 27-36, jul. 2007. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/1650>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. Uma introdução à *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Revista Kalagatos**, Fortaleza, v. 9, n. 9, p. 63-95, jul. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6025>. Acesso em: 07 set. 2023.

RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

TADEU, Tomaz. **Ética**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TEIXEIRA, Lívio. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

